

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

CAMPUS CHAPECÓ

CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

SAMUEL FELIPE SCHMITZ JUNGES

UM SANTO ENTRE OS ANTICLERICAIS: FRANCISCO FERRER NAS PÁGINAS D'A
LANTERNA (1909)

Chapecó, 2018

SAMUEL FELIPE SCHMITZ JUNGES

UM SANTO ENTRE OS ANTICLERICAIS: FRANCISCO FERRER NAS PÁGINAS D'A
LANTERNA (1909)

Este trabalho consiste na pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus de Chapecó. É requisito parcial para a graduação no curso.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Melina Perussatto

Chapecó, 2018

Junges, Samuel Felipe Schmitz

Um Santo entre os Anticlericais: Francisco Ferrer nas páginas d'A Lanterna (1909) / Samuel Felipe Schmitz Junges. -- 2018.

41 f.

Orientadora: Doutora Melina Kleinert Perussatto.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
História-Licenciatura, Chapecó, SC , 2018.

1. Anticlericalismo. 2. Imprensa Operária. 3. Francisco Ferrer. I. Perussatto, Melina Kleinert, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

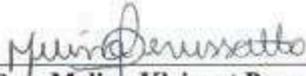


SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
COORDENAÇÃO DO CURSO DE HISTÓRIA - LICENCIATURA
Rodovia SC - 484, Km 02, Bairro Fronteira Sul, Chapecó-SC CEP 89815-899, 2049-6426
historia.ch@uffrs.edu.br, www.uffrs.edu.br

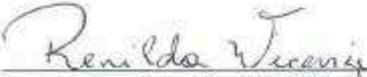
ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO LICENCIATURA EM HISTÓRIA

Aos treze dias do mês de dezembro de dois mil e dezoito, às dez horas e trinta minutos, nas dependências do Campus Chapecó da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), reuniu-se a banca avaliadora da monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em História constituída pelos(as) professores(as): **Professor(a) Orientador(a) Dra. Melina Kleinert Perussatto, Professor(a) Avaliador(a) Dra. Renilda Vicenzi e Professor(a) Avaliador(a) Dr. Antonio Luiz Miranda.** O Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em História - Licenciatura elaborado pelo(a) acadêmico(a) **SAMUEL FELIPE SCHMITZ JUNGES** sob o título: "*Um Santo entre os Anticlericais: Francisco Ferrer nas páginas d'A Lanterna (1909)* ", obteve nota 8,0 sendo considerado APROVADO.

Chapecó - SC, 13 de dezembro de 2018.



Dra. Melina Kleinert Perussatto
Professor(a) Orientador(a)



Dra. Renilda Vicenzi
Professor(a) Avaliador(a)



Dr. Antonio Luiz Miranda
Professor(a) Avaliador(a)

Agradecimentos:

Tenho que agradecer uma série de pessoas que foram importantes para a realização deste trabalho, mas antes de tudo gostaria de agradecer a instituição UFFS, pela possibilidade de fazer uma graduação gratuita e de qualidade. Dessa forma agradecer os professores e professoras do colegiado de História que foram importantes nessa caminhada de conhecimentos e que está chegando ao fim.

Dentre os professores, gostaria de agradecer em especial a minha orientadora Melina, pelas orientações, materiais disponibilizados e conversas que ajudaram a construir esta pesquisa de TCC e a formar este trabalho que sem ela não seria possível. Também gostaria de agradecer a Biblioteca Nacional que por meio de sua Hemeroteca Digital tornou possível a realização de uma pesquisa sem a necessidade de deslocação geográfica, o que foi muito importante para a conclusão deste trabalho.

Por fim, gostaria de agradecer minha família, em especial meus pais. Sem o apoio dos mesmos não seria possível fazer este trabalho e nem mesmo este curso, por todo o incentivo que me deram e também as cobranças, sou grato. Quero também agradecer minha companheira de vida, Jamile, que esteve junto comigo nos momentos de realização do trabalho e da pesquisa e que me ajudou com muitas coisas, na própria elaboração do texto e até nos momentos de maior dificuldade e preocupação.

Resumo:

Este trabalho consiste na pesquisa realizada para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), requisito parcial para a graduação no curso. Durante este texto desenvolvemos sobre a fonte e o problema de pesquisa de nosso TCC, que tem o propósito de analisar o jornal *A Lanterna* no ano de 1909, buscando perceber as manifestações anticlericais presentes ao longo das publicações do mesmo, com ênfase na utilização de notícias envolvendo Francisco Ferrer e sua figura. Num primeiro momento contextualizamos o período estudado, a Primeira República, e iniciar uma discussão historiográfica sobre o anticlericalismo na imprensa operária da época. Já durante o segundo capítulo foi feita a análise em si, utilizando a fonte para discutir o uso da figura de Ferrer como propaganda do anticlericalismo, principalmente através do projeto da Escola Moderna.

Palavras-chave: Anticlericalismo; Imprensa Operária; Francisco Ferrer;

Abstract:

This work consists of the research carried out for the Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), a partial requirement for the graduation in the course. During this text we will develop about the source and the research problem of our TCC, whose purpose is to analyze the newspaper *A Lanterna* in the year 1909, seeking to perceive the anticlerical manifestations present throughout the publications of the same, with emphasis on the use of news involving Francisco Ferrer and his figure. In a first moment we will contextualize the studied period, the First Republic, and begin a historiographic discussion on the anticlericalism in the working press of the time. Already in the second chapter the analysis itself will be done, using the source to discuss the use of the figure of Ferrer as propaganda of anticlericalism, mainly through the Escola Moderna project.

Key-Words: Anticlericalism; Working Press; Francisco Ferrer;

Sumário

Introdução:.....	9
1. Anarquismo, Anticlericalismo e Imprensa Operária na Primeira República	13
1.1. O Movimento Operário na Primeira República:.....	15
1.2. Anticlericalismo: Origens e Formas:.....	17
1.3. A Imprensa Operária e o Anarquismo na Primeira República:	19
2. Um Santo entre os Anticlericais: Francisco Ferrer nas páginas d' <i>A Lanterna</i> (1909)	24
2.1. <i>A Lanterna</i> : Folha anticlerical e de combate:.....	24
2.2. Francisco Ferrer: Trajetória e Lutas:	26
2.3. Os Resquícios Medievais da Igreja:	28
2.4. Um Mártir Beatificado:.....	29
3. Considerações Finais:	37
Referências:.....	40

Introdução

Este trabalho analisou o jornal *A Lanterna*, com ênfase a sua atuação anticlerical envolvendo principalmente publicações que utilizem Francisco Ferrer no período compreendido ao ano de 1909. A escolha do recorte temporal vai em encontro ao ano da morte de Ferrer na Espanha, sendo assim o jornal acabou por se utilizar incansavelmente da figura dele em suas páginas, se tornando um ano oportuno para esta particular análise.

A escolha deste recorte temporal reflete ainda dois motivos de ordem empírica: Primeiro, a disponibilidade dos materiais para pesquisa no acervo da Hemeroteca Digital Brasileira e, segundo, os limites de uma pesquisa de conclusão de curso que deve ser delimitada de uma forma que se encaixe no tempo disponível para execução da mesma.

A escolha da temática envolve uma afinidade e curiosidade acerca do anarquismo, que começou com a realização de um trabalho sobre a colônia Cecília¹ e se estendeu ao longo da graduação com outras pesquisas e leituras acerca do movimento. Após esse primeiro trabalho entramos em contato com a imprensa anarquista brasileira, quando decidimos fazer a pesquisa sobre o jornal *A Lanterna*. Em um primeiro momento a ideia era discutir o movimento operário e a atuação do jornal no mesmo. O anticlericalismo entrou no projeto quando tivemos o primeiro contato com a fonte, percebendo ser um material muito frutífero para a pesquisa do assunto.

A partir dessa pequena explanação sobre o problema de pesquisa, podemos falar sobre como ficou o texto final do TCC: no primeiro capítulo, será apresentada uma contextualização do período conhecido como Primeira República, além de uma discussão historiográfica acerca do anarquismo e o movimento operário do período, e também sobre a presença do anticlericalismo na imprensa operária brasileira da época.

No segundo capítulo, faremos uma apresentação da nossa fonte de uma forma mais abrangente, buscando perceber como era o funcionamento do jornal, seus colaboradores, editores, número de tiragens e preço do mesmo. Além de efetuarmos a análise das manifestações anticlericais presentes no jornal *A Lanterna*, no ano de 1909. Essa análise será concentrada nas colunas que debatiam o tema utilizando-se da figura de Francisco Ferrer e do

¹ Colônia Cecília foi uma experiência de comuna anarquista no Brasil, idealizada pelo anarquista italiano Giovanni Rossi, foi estabelecida na cidade de Palmeira, no estado do Paraná. Para mais informações ver: FELICI, Isabelle. A Verdadeira História da Colônia Cecília de Giovanni Rossi. **Revista Ael**, Campinas, v. 9, n. 8, p.9-67, 1998. Disponível em: <<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ael/issue/view/144/showToc>>. Acesso em: 09 jun. 2018.

seu projeto da Escola Moderna. Buscando perceber como o jornal, que se enunciava anticlerical e de combate, utilizava estas colunas para defender sua posição anunciada.

Como dito anteriormente, durante o segundo capítulo falaremos um pouco sobre a fonte em si, ou seja, como o jornal funcionava, suas colunas, colaboradores, etc. *A Lanterna* foi criado em 1901 por Benjamim Mota na cidade de São Paulo, e teve três fases de publicação: a primeira, de 1901 a 1904, teve como redator Benjamim Mota, fundador do periódico; a segunda, de 1909 até 1917, foi dirigida por Edgar Leuenroth; e a terceira, já algum tempo depois, de 1933 até 1953, dirigida novamente por Leuenroth.

Tanto Mota quanto Leuenroth eram militantes do movimento anarquista na época, o que estava sempre presente nas edições do jornal. Os militantes anarquistas fundaram diversos periódicos alinhados a essa diretriz e, além d'*Lanterna*, podemos citar: *O Amigo do Povo*, *La Battaglia* (produzido por anarquistas italianos), *A Terra Livre*, entre outros. O movimento operário brasileiro no início do século XX estava quase totalmente vinculado aos ideais anarquistas, sobretudo devido à ótima organização que os mesmos tinham em relação a outras correntes. (FAUSTO, 1986)

Ao longo de seu período de funcionamento o jornal teve diferentes maneiras de circulação, tais como a modalidade diária e quinzenal, com predomínio da semanal. Sobre o número de tiragens do jornal encontramos informações no texto de Boris Fausto referentes ao primeiro período de publicações do jornal, entre 1901 a 1904, no qual o jornal oscilou entre dez mil tiragens do primeiro exemplar até chegar a 26 mil em seu nono número, depois baixando para, no máximo nove mil tiragens. O autor também ressaltou que nesse período (do primeiro número até o nono) o jornal era distribuído de graça (FAUSTO, 1986).

Em relação aos anúncios, *A Lanterna* já continha nesta segunda fase de publicação, normalmente distribuídos entre a 3ª e 4ª páginas do jornal, assinalando que no período analisado o jornal continha 4 páginas, estes anúncios eram quase sempre os mesmos em todas as edições: anúncios de remédios, médicos e advogados, entre outros.

Nossa análise se dará em torno das colunas que de alguma forma debatiam a figura de Ferrer no jornal, que majoritariamente, estão diretamente ligadas ao ativismo anticlerical do periódico. Além das colunas que nos utilizaremos em nossa pesquisa, também podemos citar as colunas de exemplares enviados a outras localidades do país, que sempre têm o espaço reservado em cada edição nas colunas respectivas a suas cidades (*A Lanterna* em Campinas por exemplo).

Sobre as colunas de correspondentes percebemos que o jornal tinha um alcance considerável, principalmente no estado de São Paulo e na capital federal. Nessas colunas, os correspondentes, ou mesmo alguns leitores do jornal, publicavam relatos de acontecimentos das respectivas localidades. As notícias e/ou textos de opinião estavam quase sempre relacionados com questões da igreja e dessa forma seguiam a característica do periódico. No período analisado, os jornais avulsos custavam cem réis, já a assinatura tinha preços variáveis: o Brasil, a assinatura anual custava dez mil réis e a semestral seis mil; já no exterior a anual custava quinze mil réis e a semestral, oito mil (FAUSTO, 1986; POLETTTO, 2017).

Toda a nossa pesquisa foi feita com uma base de textos importantes, que nos ajudaram a analisar a fonte escolhida e o período trabalhado, bem como a utilização de alguns conceitos chaves para o nosso trabalho. Estes textos giram em torno da utilização do jornal como fonte histórica, do movimento operário brasileiro durante a Primeira República, da imprensa operária, do anticlericalismo e do anarquismo.

Para trabalhar com a fonte textual que é a imprensa, nos utilizamos principalmente do texto da Tania Regina de Luca presente no livro *Fontes Históricas*, com o título de “História dos, nos e por meio dos periódicos”. Aonde a autora vai trabalhar com o uso dos jornais na pesquisa histórica, mostrando suas dificuldades e especificidades, além deste texto principal, foi importante também o artigo de Lucas Thiago Rodarte Alvarenga, “Notas sobre imprensa operária e história social: o uso do jornal enquanto fonte de pesquisa”, que é um pouco mais específico ao tratar da imprensa operária em si.

Para discutir o movimento operário da Primeira República temos alguns textos chave que já são consagrados sobre o assunto, e nos serviram de base para a escrita deste trabalho. São eles, o livro de Boris Fausto, “Trabalho Urbano e Conflito Social”, escrito nos anos 70 e relançado em algumas edições posteriores, trata da vida operária nas cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro. O outro livro é de Cláudio Batalha, “O movimento operário na Primeira República”, com um tema mais abrangente que o primeiro busca fazer um panorama do movimento operário e seu início em nosso país.

O anarquismo entrou em nossa pesquisa a partir do movimento operário e dos colaboradores do jornal, além de ter uma relação muito próxima com o anticlericalismo, para compreendê-lo foram utilizados o livro de Sílvia Magnani, “O Movimento anarquista em São Paulo”, que se debruça apenas sobre o estado paulista e a ativa participação do mesmo nas lutas operárias do início do século, além deste utilizamos a tese de Tiago Bernardon, “Anarquismo,

sindicatos e revolução no Brasil (1906-1936)”, este um trabalho bem mais amplo e abrangente acerca das características e lutas do movimento em todo o território nacional.

A utilização do anticlericalismo ficou muito a cargo da tese desenvolvida pela Caroline Poletto, com o título de “A Imaginação subversiva ao redor do mundo: Imagens, Poesias e Contos de Protesto na Imprensa Anarquista e Anticlerical (Espanha, Argentina e Brasil, 1897 - 1936)”, esta tese desenvolveu um intenso debate acerca da imprensa operária, do anarquismo e do anticlericalismo, sendo importante para toda a extensão de nossa pesquisa ao abranger os conceitos citados acima e que nos foram necessários para a elaboração do nosso texto.

Como nosso objeto de pesquisa focou na figura de Francisco Ferrer e de seu projeto da Escola Moderna, também buscamos referências para tratar destes temas em nosso trabalho. Os textos utilizados foram de dois autores, Sílvio Gallo e seu artigo com o título de “Francisco Ferrer Guardia: o mártir da Escola Moderna”, além do artigo da autora Isabel Bilhão, com o título de “Imprensa e Educação Operária: análise da difusão do ensino racionalista em jornais anarquistas brasileiros (1900-1920)”. O primeiro trata mais da biografia de Ferrer e da criação da Escola Moderna, já o segundo debate a divulgação de seu método nos jornais operários do Brasil.

1. Anarquismo, Anticlericalismo e Imprensa Operária na Primeira República

Durante este capítulo iremos contextualizar o período escolhido como nosso recorte temporal, bem como fazer uma discussão acerca da historiografia sobre a imprensa operária e o anticlericalismo. Para fazer isso nos apontamos alguns textos chave sobre o período como o livro “Trabalho Urbano e Conflito Social” de Boris Fausto (1986); “O Movimento Anarquista em SP” de Sílvia Lang Magnani (1982); “O Movimento Operário na Primeira República” de Claudio Batalha (2000), além de duas teses de doutorado, a primeira com o título de “A Imaginação Subversiva Ao Redor do Mundo: Imagens, Poesias e Contos de Protesto na Imprensa Anarquista e Anticlerical (Espanha, Argentina e Brasil, 1897-1936)” de Caroline Poletto (2017); e, “Anarquismo, sindicatos e revolução no Brasil (1906-1936)” de Tiago Bernardon (2009).

Os textos descritos acima são de suma importância para o desenvolvimento de nosso trabalho, por se tratarem de obras que estão inseridas em nosso recorte temporal e que trabalham com o movimento operário e a imprensa operária em São Paulo, ou até com o próprio jornal *A Lanterna*. Além destes serão importantes outros textos² que de alguma forma contribuem na elaboração de nossa pesquisa, sendo na parte teórica ou como referência para falarmos sobre o período.

Para começarmos de fato este capítulo, devemos pensar no contexto da Primeira República brasileira no qual está inserido nosso recorte temporal. A República brasileira fundada em 1889 por meio de um golpe militar trouxe ao país diferenças muito grandes em relação ao período imperial. Num primeiro momento podemos citar o fortalecimento da economia cafeeira e conseqüentemente um fortalecimento dos produtores de café perante o cenário político brasileiro (BATALHA, 2000; FAUSTO, 1986).

Também vieram junto com a República, a instauração de um estado laico e de liberdade de pensamento na teoria, mas na prática isso não foi visualizado, e sim, uma “preferência” a fé católica e uma constante perseguição a pensamentos “contrários” e “perigosos”, entrando aqui toda e qualquer forma de manifestação política (anarquismo, socialismo, anticlericalismo, etc). Além disso também se viu um fortalecimento das oligarquias regionais ligadas às atividades de

² Os outros textos serão importantes no decorrer do nosso trabalho e pesquisa, podemos citar *A Classe Operária no Brasil* de Paulo Pinheiro Machado e Michael M. Hall; *Periodismo e Vida Urbana* de Heloísa Cruz; *A História dos, nos e por meio dos periódicos* de Tania de Luca e *História e Movimentos Sociais* de Hebe Mattos, entre outros.

agro exportação, com um foco nos estados de São Paulo e Minas Gerais, e com isso uma alteração que favoreceu explicitamente estes produtores em detrimento das demais classes, incluindo nisso tanto os operários como as demais classes do país.

Com um modelo econômico liberal, o estado se posicionou como não interventor nos assuntos econômicos, isso tudo também só no papel, pois ao longo deste período se sucederam diversos momentos nos quais o estado interviu diretamente para benefício da classe produtora de café, citada anteriormente, ou ainda nos movimentos grevistas que ocorreram ao longo do período (BATALHA, 2000). Sob o aspecto liberal também estavam implícitas as liberdades individuais dos novos cidadãos brasileiros, outro exemplo da não efetuação das leis da constituição de 1891, porque, como veremos melhor adiante, a classe operária sofreu severas perseguições do aparelho estatal.

Os direitos políticos foram estendidos aos cidadãos do sexo masculino, com idade superior a 21 anos e alfabetizados, o que em comparação aos elegíveis a votar durante o império piorou³. Nesta configuração, grandes parcelas da população ficaram a margem do processo eleitoral e assim, apenas as classes mais altas que tinham o acesso à educação conseguiam participar deste espaço, tanto para votar como para serem votados (FAUSTO, 1986; BERNARDON, 2009).

Todas estas características culminaram em um estado a serviço dos interesses da burguesia cafeeira e de seus aliados (aqui incluída a nascente burguesia industrial), sem nenhum tipo de debate acerca dos direitos sociais, em um país recém saído da escravidão e que caminhava em direção a uma economia capitalista. Esta baseada na utilização de mão-de-obra assalariada, vindo principalmente das grandes levas de imigrantes que desembarcavam no país com a promessa de ascender socialmente, mas também formada por muitos trabalhadores nacionais (principalmente os negros) (BATALHA, 2000).

No período estudado a industrialização do Brasil ainda dava seus primeiros passos no sentido de crescimento e importância econômica, e estava concentrada com algumas ressalvas (Recife, Porto Alegre, Curitiba, etc), nos estados da região sudeste, mais intensamente nas cidades de São Paulo (recorte geográfico da pesquisa), e na capital federal, o Rio de Janeiro (FAUSTO, 1986; BATALHA, 2000).

³ Em sua tese, Bernardon (2009) traz alguns dados colhidos por José Murilo de Carvalho, comprovando que durante o império brasileiro mais pessoas estavam aptas a votar do que na Primeira República.

Ainda assim, as fábricas que surgiam, em sua grande maioria, continham menos de 20 funcionários. Para exemplificar isso, Batalha utiliza uma pesquisa em torno das indústrias de calçados em 1913: “[...] a indústria de calçados no Brasil reunia nesse período mais de 4.000 estabelecimentos, sendo que destes apenas 116 empregavam mais do que 12 pessoas.” (BATALHA, 2000, p. 8). Mesmo se tratando de apenas um ramo industrial, esses números são esclarecedores dos diversos tipos de empreendimentos industriais que existiam no Brasil.

Em outras palavras, todas as etapas de produção percorridas na interpretação clássica pela Revolução Industrial, do artesanato à indústria, estavam aí presentes; conseqüentemente, as diversas experiências de trabalho e de relações de trabalho do artesão independente, passando pelo trabalhador doméstico produzindo para um empregador, um empregado em uma pequena oficina e, finalmente, o operário industrial (BATALHA, 2000, p. 9).

1.1. O Movimento Operário na Primeira República

Foi também nesse período que o movimento operário brasileiro deu seus primeiros passos, principalmente a partir de 1890 e com intensificação das lutas já nas primeiras décadas do século XX. Esse movimento assumiu diversas formas e utilizou de diferentes estratégias para atuar em benefício dos trabalhadores urbanos, além disso também apresentou diferentes inclinações ideológicas em sua direção: o anarquismo; o socialismo; sindicatos católicos, etc (FAUSTO, 1986; BATALHA, 2000).

Em linhas mais gerais, se assumiam duas formas distintas de luta sindical pelos trabalhadores. Uma delas foi o sindicalismo revolucionário, que abrangia principalmente as ideias anarquistas de ação direta, repulsa à participação eleitoral e que utilizava a greve como principal meio de obter resultados. Esta corrente foi predominante no movimento operário nas duas primeiras décadas do século XX, principalmente a partir do 1º Congresso Operário Brasileiro em 1906 (BATALHA, 2000).

A outra linha que ia de encontro com a última se trata do sindicalismo reformista, que recebia influência de diferentes ideologias, mas principalmente o socialismo. Essa linha defendia reivindicações parecidas com a do sindicalismo revolucionário, mas adotava outras medidas como: apoio a disputa eleitoral e incentivo a candidaturas de operários; conciliação com o Estado e os patrões e a greve apenas como última instância da luta operária (BATALHA, 2000).

Aqui em nosso trabalho daremos foco para a ação anarquista por três motivos principais: primeiro, por se tratar do movimento que esteve mais presente nas lutas operárias inseridas em

nosso recorte temporal (1909); segundo, pela pauta anticlerical, que consiste no problema de nossa pesquisa e está intimamente vinculada ao movimento anarquista em âmbito mundial; e, terceiro, pela própria fonte se tratar de um jornal operário com influência anarquista.

Dessa forma, Edilene Toledo, traz uma ideia geral da ideologia anarquista e suas principais características

Assim como outras idéias que circularam pelo mundo afora, a imagem de uma sociedade de livres e iguais, onde o Estado, as igrejas e o capitalismo tivessem desaparecido, povoou corações e mentes entre o fim do século XIX e as primeiras décadas do XX. Eram professores, médicos, advogados, mas também muitos operários que viam no anarquismo uma possibilidade efetiva de transformação de si mesmos e da sociedade em que viviam. [...] A doutrina anarquista surgiu na década de 1860, na crítica aos males do capitalismo, sobretudo a partir das idéias do francês Joseph Proudhon, que identificou no capitalismo e no Estado as fontes de todos os males sociais. As ideias e práticas insurrecionais de Bakunin e a ideia de ajuda mútua de Kropotkin, ambos russos, foram fundamentais para a constituição do anarquismo como uma doutrina, que pregava que o Estado era nocivo e desnecessário e que existiam alternativas viáveis de organização voluntária. Apesar da heterogeneidade de opiniões entre os anarquistas, havia uma unanimidade em relação a certos aspectos, que unia os vários movimentos em todo o mundo: a necessidade da abolição do Estado, a recusa da tática eleitoral e parlamentar, a oposição à ideia de um partido centralizado, a defesa da ação direta e a valorização da individualidade. Nas primeiras décadas do século XX, Kropotkin e o italiano Errico Malatesta foram as principais referências para os anarquistas em várias partes do mundo e também no Brasil (TOLEDO, 2015, p. 1).

A chegada do anarquismo ao Brasil ainda gera debates nos trabalhos historiográficos. Por muito tempo buscou-se apresentar a Colônia Cecília (1890-1894) como porta de entrada desta ideologia em solo brasileiro, porém existem diversos questionamentos em relação a essa explicação, dado que a experiência não obteve êxito e seus participantes não chegaram a ser importantes no movimento operário brasileiro da Primeira República (BERNARDON, 2009).

Apesar da presença de alguns antigos colonos da Cecília no movimento anarquista de São Paulo e na imprensa anarquista no Brasil, nem a colônia, nem seu fundador Giovanni Rossi, deixaram traços profundos na história do movimento operário, nem italiano, nem brasileiro (FELICI apud BERNARDON, 2009, p. 49).

Sendo assim, foram considerados como os primeiros anarquistas que chegaram ao Brasil aqueles vindos das levas de imigrantes que desembarcavam em nosso país, principalmente a partir de 1890. O que também não quer dizer que as ideias anarquistas já não haviam chegado ao nosso país de diferentes formas, como livros e folhetos (TOLEDO, 2015; POLETTI, 2017). Porém a sua maior disseminação entre os trabalhadores foi percebida apenas no século XX, com a criação de jornais e a participação destes militantes no nascente movimento operário brasileiro, como citado acima (BATALHA, 2000; BERNARDON, 2009; TOLEDO, 2015; POLETTI, 2017).

Devemos também ressaltar o caráter heterogêneo do movimento anarquista em âmbito mundial, o que se repetiu no caso brasileiro, aonde diferentes concepções da teoria anarquista tiveram adeptos, sendo que as principais correntes presentes em nosso país foram respectivamente: anarco-comunismo; anarco-individualismo e anarco-sindicalismo (BATALHA, 2000; POLETTTO, 2017).

Apesar da existência destas diferentes correntes anarquistas em nosso país, o que se sucedeu foi uma congruência destas ideias em torno do que foi chamado de sindicalismo revolucionário (BATALHA, 2000; BERNARDON, 2009), já citado acima quando falamos das diferentes correntes e rumos que os sindicatos tomaram nas suas reivindicações e ações ao longo da Primeira República. Outro tema em comum às diferentes correntes anarquistas é o anticlericalismo, que em nosso país foi expresso de diferentes formas, mas principalmente por meio dos jornais operários (POLETTTO, 2017).

1.2. Anticlericalismo: Origens e Formas

Dessa forma, cabe aqui também, fazer uma pequena exposição sobre as origens do anticlericalismo como movimento e/ou ideia. De acordo com Poletto, os primeiros passos deste movimento podem ser encontrados ainda na Alta Idade Média e durante a reforma protestante na Europa. Porém, é só a partir do século XVIII, principalmente no período da Revolução Francesa, que o mesmo ganhou contornos de movimento, se consolidando ao longo dos séculos XIX e XX. Segundo a historiadora,

[...] será a partir da Revolução Francesa que a agressividade contra o universo eclesiástico se tornará ainda mais abrangente, fazendo com que religião e razão se posicionem em lados opostos do tabuleiro, se tornando esferas irreconciliáveis. Nos séculos seguintes, principalmente nos séculos XIX e XX, as teorias evolucionistas, o positivismo, a crença na experiência, na ciência e no progresso humano se afirmam de forma veemente[...] (POLETTTO, 2017, p. 80).

Podemos perceber que todo o movimento anticlerical é baseado na dicotomia entre a razão e a religião, porém dentro do movimento existiam diferentes formas de ataque e ação contra os representantes do clero. Dessa forma o anticlericalismo não pode ser confundido com o ateísmo por exemplo, mesmo havendo posições dentro do mesmo que se aproximassem desta ideia.

O anticlericalismo nem sempre se revestiu de feições antirreligiosas, alimentado pelo desejo de negar ou relativizar os valores estabelecidos por determinada casta religiosa ou pela ordem estamental alicerçada em tais crenças. Frequentemente, ele se revela

como uma proposta reformadora, de retomada de um ideal cristão pretensamente corrompido por agentes da própria Igreja ou por alianças políticas. Nesse contexto, certos grupos se levantariam em defesa de um retorno às fontes, purgando a comunidade cristã de todo espírito enganador que a afastou do verdadeiro ideal proposto por Jesus Cristo (SANTOS apud POLETTTO, 2017, p. 83).

Da mesma forma em que existia este tipo de discurso de uma retomada do cristianismo primitivo, existia o anticlericalismo, antirreligioso e muito ácido contra a crença cristã. Esse anticlericalismo era mais comum nos setores alinhados aos movimentos de esquerda, principalmente os anarquistas, exemplificado na passagem a seguir escrita por Bakunin.

A religião cristã, mais que qualquer outra, foi fundada sobre o sangue e batizada historicamente no sangue. Que se contem os milhões de vítimas que essa religião de amor e de perdão imolou pela vingança cruel de seu Deus. Que se lembre das torturas que ela inventou, infligiu. Tornou-se hoje mais suave e humana? Não, estremeçada pela indiferença e pelo ceticismo, apenas se tornou impotente, ou antes, muito menos potente, pois, infelizmente, a força do mal ainda não lhe falta, mesmo hoje. E observai nos países onde, galvanizada por paixões reacionárias, parece reviver: sua primeira palavra não é sempre a vingança e o sangue, sua segunda palavra, a abdicação da razão humana, e sua conclusão, a escravidão? Enquanto o cristianismo e os padres católicos, enquanto qualquer religião, vá lá, divina, continuarem a exercer a mínima influência sobre as massas populares, a razão, a liberdade, a humanidade, a justiça não triunfaram sobre a terra; isso porque enquanto as massas populares permanecerem mergulhadas na superstição religiosa, servirão sempre de instrumento a todos os despotismos coligados contra a emancipação da humanidade (BAKUNIN apud POLETTTO, 2017, p. 83).

Sendo assim, dentro deste movimento podem ser percebidos estes diferentes posicionamentos em relação às crenças. De um lado estava quem buscava uma reconstrução e uma busca no cristianismo primitivo para opô-lo as práticas do clero, e de outro lado quem a exemplo de Bakunin, queria uma extinção total destas crenças em seu projeto de sociedade renovada e livre.

É importante também ressaltar que o anticlericalismo sempre esteve nas pautas do movimento anarquista, e isto não era diferente aqui em nosso país, por isso devemos abordar a relação entre os dois, tanto nas páginas d'*A Lanterna*, como na contextualização do período escolhido como recorte temporal para a pesquisa. Dessa forma estaremos sempre fazendo esta relação em nosso trabalho, o que, também não significa, que todos os anticlericais fossem anarquistas, algo que sabemos ser equivocado.

Inclusive, no Brasil, uma parte da elite se viu seduzida pelo anticlericalismo após a proclamação da República, sobretudo diante do fato de a Igreja não se caracterizar mais como um aliado político após sua separação do Estado. Além disso, podemos citar a proibição efetuada pelo catolicismo as sociedades secretas, incluindo nisso a maçonaria, dentro do qual uma grande parte da elite nacional estava presente e dessa forma se viu afetada pelos dogmas da mesma (POLETTTO, 2017).

Essa propagação do anticlericalismo em nosso país foi mais sentida quando da criação de diversas ligas anticlericais em grandes cidades brasileiras, como a Liga Anticlerical do Rio de Janeiro, fundada no ano de 1909 (POLETTTO, 2017). Além das ligas, começaram a surgir jornais que tinham esse posicionamento, a maioria deles vinculados de alguma forma ao movimento anarquista, com algumas exceções. Dentre os jornais criados podemos citar *A Lanterna*, da cidade de São Paulo e *Satanás*, de Porto Alegre, entre outros. É importante ressaltar que *A Lanterna* é um jornal muito mais anticlerical do que anarquista, diversos autores ressaltam esta posição pelo formato do periódico e sua manifesta ênfase no anticlericalismo em detrimento de outras posições, o que é sabido também são as posições anarquistas de colaboradores do jornal (Leuenroth, Mota, Neno Vasco, etc) (POLETTTO, 2017; FAUSTO, 1986).

Ao falarmos nisso, devemos também ter em mente que os periódicos da imprensa operária anarquista sempre trouxeram este discurso em forma de ataque às instituições vigentes, como fala Poletto:

Alerta-se ainda ao fato de que, ao analisar elementos do discurso estético propagandístico dos periódicos libertários e anticlericais em questão, se estará comparando/analizando discursos políticos que precisam constantemente se reafirmar para enfrentar os discursos dominantes (discursos dos periódicos burgueses, da imprensa oficial, do Estado, da Igreja, etc). De forma que a tentativa de desconstrução de seus inimigos é evidente nas páginas da imprensa libertária e anticlerical, sendo, ela própria, um dos objetivos principais dos periódicos aqui tratados. (POLETTTO, 2017, p. 20)

De acordo com a autora, a imprensa operária, estando sempre à margem da sociedade e tendo que lidar com os atores que representam as classes dominantes, usava destes recursos para legitimar seu discurso em prol das classes operárias e de suas ações. Da mesma forma que a imprensa oficial atacava a operária, buscando legitimar o discurso dominante.

1.3. A Imprensa Operária e o Anarquismo na Primeira República

Cabe aqui uma pequena explanação e contextualização da chamada imprensa operária, também chamada por outros nomes, tais como imprensa independente, imprensa subversiva ou até pequena imprensa (POLETTTO, 2017). Essa imprensa se caracterizou como um instrumento de luta dos trabalhadores em suas mais diferentes ideologias.

Essa imprensa pode ser vista como uma das manifestações da resistência dos trabalhadores à dominação do capital e de suas instituições, definindo-se como um instrumento privilegiado da propaganda e incentivo desta resistência. Suas

características materiais e formais também são particularidades inseridas no contexto do movimento operário, a ele adaptadas e por ele condicionadas nas suas dificuldades, limitações e aspectos criativos no enfrentamento à dominação (JARDIM apud POLETTTO, 2017, p. 89).

Dessa forma, essa imprensa começou a aparecer no Brasil no fim do século XIX e início do século XX, tendo como pano de fundo o crescimento do movimento operário e da industrialização brasileira. Neste período irão ser fundados diversos jornais em várias localidades do país, com concentração maior nas cidades que tinham um maior número de trabalhadores, como São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, entre outros (POLETTTO, 2017).

Algumas características dessa imprensa são o papel doutrinário que emprega em defesa de sua ideologia (anarquismo, socialismo), além de apresentar um caráter pedagógico, “[...] de maneira que alguns autores chegam a considerar os jornais operários enquanto os “livros dos trabalhadores[...]” (POLETTTO, 2017, p. 89). Esse caráter pedagógico está vinculado ao fato de que esta imprensa ia muito além de propagar somente notícias, buscando sempre educar os trabalhadores segundo seus princípios morais e ideológicos. Segundo a autora, devido ao baixo custo dos jornais comparado ao dos livros, muitos deles eram utilizados para a alfabetização dos operários.

Formavam uma imprensa com caráter doutrinário e pedagógico e não, necessariamente, informativo. Textos doutrinários ocupavam o lugar das notícias locais encontradas nos “periódicos burgueses”, de forma que os jornais libertários apresentavam, via de regra, temáticas duradouras e não apenas notícias passageiras e momentâneas, como observado na imprensa burguesa[...] (POLETTTO, 2017, p. 94).

Outra característica dos jornais operários era o total preenchimento de seus espaços, sendo que, dificilmente existiam espaços em branco nas suas publicações, muito também devido aos altos custos das impressões dos mesmos. Outro ponto em comum, encontrado em toda a imprensa operária diz respeito a constante repressão e censura efetuada contra estes meios, “[...] de forma que as autoridades consideravam essa imprensa de protesto enquanto uma arma potencial empregada contra o Estado e à ordem social vigente[...]” (POLETTTO, 2017, p. 91).

O anticlericalismo entrou aqui como uma ferramenta de luta contra as instituições religiosas (principalmente as católicas), e assumiu nos periódicos anarquistas, um papel de destaque. Quando pesquisamos o significado da palavra podemos entender um pouco a preocupação dos anarquistas em utilizarem esta ferramenta: anticlericalismo em sua definição significa uma linha de pensamento que demonstra rejeição aberta ao clero, pelo fato do mesmo ter forte influência social e política (POLETTTO, 2017).

Mesmo já tendo utilizado o termo de trabalhadores urbanos e/ou operários, é importante ressaltar que o propósito deste trabalho está vinculado ao jornal operário, e irá concentrar seus estudos na parte urbana do contingente de trabalhadores do período da Primeira República, por focar no movimento anarquista, que até tentou algumas articulações com os camponeses, mas sem sucesso (POLETTO, 2017). Dessa forma é bom salientar que apesar das intensas mobilizações de trabalhadores no recorte estudado, a grande maioria estava aquém destes movimentos.

A despeito de todas as condições desfavoráveis e dos elementos de divisão e diferenciação da classe operária, a história da Primeira República permanece como um momento de extraordinária mobilização coletiva e de forte organização de classe. Mas é preciso reconhecer que, malgrado esse caráter extraordinário, a ação organizada de classe por meio de suas instituições ou de ações coletivas atingiu apenas uma minoria dos trabalhadores, entre outras razões porque nesse período 80% da população brasileira vivia no campo (BATALHA, 2000, p. 14).

Durante muito tempo, a historiografia buscou responder a questão do anarquismo ter sido a principal⁴ ideologia do movimento operário brasileiro durante a Primeira República. Os primeiros trabalhos sobre o período sempre tentaram relacionar única e exclusivamente o anarquismo com os imigrantes europeus, pois estes vinham de países aonde a ideologia havia ganhado vários adeptos.

De maneira geral, os cientistas sociais vincularam a introdução das ideias libertárias (e demais idéias socialistas) ao movimento imigratório iniciado em meados do século passado e que se prolongou até os anos 20. A imigração em massa para o país provinha, sobretudo, dos países latinos do Velho Continente, onde o anarquismo alcançou forte penetração em movimentos populares, a partir de fins do século XIX. (MAGNANI, 1984, p.24)

A autora traz alguns trabalhos feitos nos anos 60 e 70 do século passado, que, via de regra, não trouxeram dados novos para o estudo do movimento operário brasileiro, dentre eles podemos citar o trabalho de Rodrigues e Martins com o título de “Classe Operária e Sindicalismo no Brasil” (1968), que segundo a autora foi um trabalho pioneiro acerca do período aqui trabalhado.

Após estes primeiros trabalhos sobre o movimento operário, começaram a surgir mais estudos acerca da ideologia anarquista ter se tornado predominante no Brasil durante a Primeira República. Com isso vieram também as primeiras críticas acerca desta explicação simplista e determinista do movimento, como as de Maram apresentadas aqui por Fausto:

⁴ Quando falamos em principal, queremos nos referir aos espaços de atuação dos operários, principalmente os sindicatos, e durante o período analisado estes sindicatos assumiram majoritariamente os ideais anarquistas (FAUSTO, 1986; BATALHA, 2000).

[...]Por outro lado, critica a constatação trivial da procedência dos imigrantes vindos para o Brasil, ao dizer que não apenas o anarquismo mas outras correntes existiam no movimento operário da Itália, da Espanha e de Portugal. Seria necessário explicar porque estas correntes nunca adquiriram no Brasil força proporcional aos países de origem. (MARAM apud FAUSTO, 1986, p. 68)

De fato, a origem dos imigrantes não poderia explicar de forma completa a escolha pelo anarquismo entre os membros da classe operária. Além do que o autor aponta aqui devemos lembrar que não eram só os imigrantes que adotaram esta ideologia, tendo exemplos de trabalhadores nacionais que aderiram ao movimento, incluindo aqui o editor do jornal *A Lanterna*, Edgar Leuenroth, que foi ativista ao longo de sua vida e um dos últimos defensores do anarquismo aqui em nosso país (POLETTTO, 2017).

Boris Fausto, em seu livro célebre sobre o movimento operário, *Trabalho Urbano e Conflito Social* (1986), foi um dos primeiros a rever estas definições acerca do anarquismo no Brasil. Além de Maram que citamos acima, a partir dos anos 70 começaram surgir trabalhos que buscaram revisar estes estudos anteriores, incluindo aqui o livro de Magnani (1982) que fez um panorama geral sobre o movimento anarquista no estado de São Paulo.

A partir deste momento os estudiosos começaram a analisar alguns fatores que consideraram importantes para o florescimento do anarquismo em solo brasileiro, como a própria política liberal exercida pelo estado nas primeiras décadas do século XX e apontada acima. Sobre isso Magnani falou:

[...]Em resumo, os comportamentos políticos do operariado, ainda que contraditórios entre si ou ambíguos, seriam explicitados pela configuração social; o anarquismo teria correspondido a certos aspectos da configuração social, não permanecendo a transposição de um ideário político-ideológico europeu. (MAGNANI, 1982, p. 29)

Em uma República que não atendia a nenhum dos direitos básicos, o anarquismo pareceu encontrar um solo fértil para sua disseminação entre os trabalhadores urbanos, preferencialmente os industriais. Segundo Boris Fausto:

A política oligárquica podia assim ser facilmente identificada com a política em geral, um sujo e monótono jogo destinado a perpetuar o autoritarismo dos exploradores. Em um país como o Brasil, onde imperava uma ordem política fortemente excludente, é fácil perceber como a rejeição desta instância podia ser atraente também para elementos das classes populares nacionais. O reino da política não era o campo específico de confrontação dos diferentes interesses de classe, mas a área privilegiada de ação dos “ricos”, todos eles mais ou menos iguais em suas intenções de explorar em proveito próprio e de seus afilhados a máquina estatal. Mais uma vez, o Estado oligárquico parecia confirmar em larga medida a teoria anarquista[...] (FAUSTO, 1986, p. 69).

A partir desta fala podemos fazer a relação entre a teoria anarquista e a teoria socialista, aonde uma quer se apropriar do estado para o uso da classe proletária e a outra quer acabar com

o mesmo por esse se tratar de um espaço ocupado e utilizado para a perpetuação do poder das classes dominantes. Dessa forma, em um estado oligárquico e sem brechas para a negociação entre as classes, o anarquismo pareceu mais interessante aos olhos da população. De acordo com Bernardon:

Por ora, basta perceber que as dificuldades estruturais e conjunturais no Brasil da Primeira República não permitiram o desenvolvimento da principal estratégia socialista, qual seja a organização de um partido político-parlamentar, tendo por base preferencial o operariado. [...] Para contornar as dificuldades estabelecidas pela estrutura oligárquica em vigência, muitos militantes chegaram a conclusão de que era preciso eleger outros meios de ação coletiva, para que os trabalhadores pudessem autonomamente resistir à dominação capitalista [...] e desenvolver práticas revolucionárias, de modo efetivo (BERNARDON, 2009, p. 43).

Porém, quando olhamos os períodos posteriores à década de 1920, vemos um enfraquecimento do movimento e das ideias anarquistas em nosso país, o que também não significa que a mesma desapareceu (POLETTO, 2017). Principalmente após a Revolução Russa e a posterior fundação do PCB no Brasil⁵, o socialismo assumiu um papel de importância maior no movimento operário brasileiro e passou a ser a ideologia predominante nos meios operários e nos sindicatos.

Dessa forma evidenciamos os estudos sobre o movimento operário brasileiro, principalmente o anarquista, buscando entender a dinâmica em que funcionava este movimento com seus jornais e suas disputas políticas por meio dos sindicatos. Também foi importante uma descrição da ideologia anarquista e suas correntes, bem como do anticlericalismo que é o objeto de nossa pesquisa e que damos sequência no seguinte capítulo.

⁵ A Revolução Russa de 1917, e a fundação do PCB acontecerá no ano de 1922 em nosso país e curiosamente contará com diversos militantes que foram do movimento anarquista anteriormente, como Astrojildo Pereira (POLETTO, 2017).

2. Um Santo entre os Anticlericais: Francisco Ferrer nas páginas d'A *Lanterna* (1909)

Neste segundo capítulo concluiremos o trabalho, primeiro falando um pouco sobre o funcionamento do jornal; depois, analisando as colunas escolhidas para entender o uso do anticlericalismo no periódico. Dessa forma a introdução e o primeiro capítulo serviram como base de apresentação do contexto da época em que o jornal foi publicado, bem como para conhecer o anticlericalismo e suas definições, além de uma explanação do movimento operário brasileiro, suas origens e ideologias.

Essa base é necessária para compreendermos melhor a formação d'A *Lanterna*: o anticlericalismo é a base própria das ideias veiculadas no jornal, sendo impossível não fazer uma introdução sobre o conceito dentro da história; o movimento operário está conectado pela ideologia compartilhada com os editores do periódico, além de durante suas publicações serem vistas diversas notícias de apoio aos movimentos operários do Brasil e do mundo.

2.1. A *Lanterna*: Folha anticlerical e de combate

A fundação do periódico foi no ano de 1901, na cidade de São Paulo tendo como editor Benjamim Mota, advogado maçom e conhecido anticlerical, além de ser militante do movimento anarquista (BATALHA, 2015). Ao longo dos anos, o jornal viria a ser publicado em três diferentes períodos, o primeiro que iniciou com a fundação em 1901 e se estendeu até o ano de 1904; o segundo começou em 1909 e se encerrou em 1916; e o terceiro, mais posterior, começou no ano de 1933 e acabou em 1935.

A edição do jornal mudou durante as três fases em que o mesmo foi lançado, a primeira foi editada pelo fundador Benjamim Mota, já as duas últimas fases tiveram na sua edição Edgard Leuenroth. Como já comentado no primeiro capítulo, a fase escolhida para a pesquisa de nosso trabalho foi a segunda (1909 - 1916), pelos vários fatores já comentados.

Dessa forma iremos apresentar um pouco da biografia de seu editor, Leuenroth: “Edgard Frederico Leuenroth nasceu em Mojimirim (SP) em 31 de outubro de 1881, filho do médico-farmacêutico Valdemar Eugênio Leuenroth e de Amélia de Oliveira Brito. Entre os diversos pseudônimos que utilizou estão: Demócrito, Frederico Brito, Palmiro Leão, Len e Leão Vermelho.” (BATALHA, 2015, p. 1). Além das informações básicas de origem familiar, Leuenroth foi ao longo de sua vida um ávido militante do movimento anarquista brasileiro,

tendo fundado diversos jornais para falar sobre o tema, também participou das greves gerais em 1917 e 1919, tendo sido preso em 1917 como “autor psíquico-intelectual da greve”(BATALHA, 2015, p. 3).

Podemos dizer que sua vida se misturou com o movimento operário brasileiro da Primeira República, seja pela sua militância no movimento anarquista, seja pela sua participação nos congressos operários ou ainda por suas publicações nos jornais operários que criou e/ou participou. Sua atividade anticlerical está diretamente envolvida com sua militância anarquista, como explicamos no primeiro capítulo, o anarquismo sempre pregou o anticlericalismo de forma explícita.

Os números de tiragens do periódico variaram bastante ao longo de sua existência, começando com 10 mil exemplares, chegando até o número de 26 mil e estacionando na casa dos 6 mil. O que mostra que a sua circulação não era pequena e alcançava diversos leitores, a periodicidade do mesmo também variou ao longo do tempo, sendo por vezes semanal, quinzenal e até no formato diário, mas a que prevaleceu por um período maior foi a semanal. É interessante perceber também que além das diversas mudanças na periodicidade do jornal, os dias em que ele saía também variam ao longo do tempo, muito provável pela falta de recursos e as demais dificuldades de gerir um periódico operário no período em questão.

O valor de venda do jornal se manteve durante o ano de 1909 em 100 réis por unidade, as assinaturas também mantiveram seu preço neste ano: para o Brasil a assinatura anual era de 10.000 mil réis e a semestral de 6.000 mil réis; para o exterior os preços aumentavam e a anual custava 15.000 mil réis, já a semestral saía por 8.000 mil réis (FAUSTO, 1986). A venda de jornais para outros países era comum dentro do meio operário e anarquista da época, sobre isso Poletto diz:

[...]os militantes libertários já demonstravam preocupações com a manutenção da circulação das ideias e dos artefatos culturais anarquistas pelo maior número de cidades e países possíveis, comprovando também a tamanha importância que esse movimento conferia à circulação de notícias e ao intercâmbio de experiências organizativas e autogestionárias, bem como ao papel fundamental que uma rede de intercâmbio de ideias bem consolidada apresentava entre os militantes dos mais diversos países[...].(POLETTI, 2017, p. 92)

Como podemos ver o internacionalismo é muito presente no movimento anarquista, apesar de não podermos caracterizar *A Lanterna* como um jornal anarquista, é inegável que seus editores e colaboradores são militantes do movimento no Brasil. Outro fator que atesta para essa circulação de materiais anarquistas entre os jornais, são anúncios feitos *n’A Lanterna*

indicando terem disponíveis diversos materiais desta vertente em estoque: livros, jornais, ensaios, etc.

2.2. Francisco Ferrer: Trajetória e Lutas

A segunda fase do jornal, iniciada em 1909, concentrou seus maiores ataques em seu primeiro ano à igreja espanhola e a coroa espanhola pelo assassinato do educador e militante anticlerical Francisco Ferrer. Dessa forma falaremos um pouco sobre a história e trajetória deste personagem importante para o desenvolvimento do nosso trabalho, sendo assim Gallo traz algumas informações a seu respeito,

Ferrer nasceu em 1859 em um vilarejo da Catalunha, em família de agricultores católicos. Aos 14 anos, foi trabalhar no comércio em Barcelona e, autodidata, estudou as ideias republicanas. Tornou-se republicano, ateu e anticlerical, ligando-se a grupos maçônicos de livres pensadores. Trabalhando na Companhia de estradas de ferro, organizou uma biblioteca popular nos trens e ligou-se a um dos expoentes do republicanismo espanhol, Ruiz Zorrilla. Com o fracasso de uma insurreição republicana, exilou-se em Paris, onde sobreviveu dando aulas de espanhol. Chegou, mesmo, a escrever e publicar um método de espanhol prático. Sua estada na França também o aproximou de pensadores e militantes anarquistas, tendo chegado a conhecer Paul Robin (1837-1912), sistematizador do conceito de educação integral. (GALLO, 2013)

Foi na França também que Ferrer conseguiu juntar um dinheiro para montar o seu projeto de escola, com o recebimento de uma herança de sua antiga aluna: “De posse do dinheiro, retornou para Barcelona, onde adquiriu um espaço e organizou a criação da *Escuela Moderna*, que seria oficialmente inaugurada em 08 de setembro de 1901.”(GALLO, 2013).

A Escola Moderna criada por Ferrer era um projeto muito audacioso para sua época e foi levada a cabo principalmente por grupos de livre-pensadores, sua audácia estava tanto nos métodos diferenciados que utilizava e também no fato de ser uma escola com um viés totalmente científico e sem qualquer relação com as instituições religiosas.

A escola de Ferrer era o exato contraponto da escola em que havia estudado e que abominava: uma escola centrada nos dogmas religiosos, com os alunos fechados entre quatro paredes, em condições insalubres e sem higiene, organizada segundo um sistema meritocrático que premiava os acertos e castigava os erros e as falhas. A *Escuela Moderna* era um local amplo e arejado, com salas bonitas e bem decoradas, espaços múltiplos e pátios externos, para atividades ao ar livre. Além disso, eram frequentes as atividades fora da escola: visitas a fábricas, passeios pela praia para estudar a geografia local e assim por diante.⁴ Por entender que os livros didáticos disponíveis à época não eram adequados àquilo e à forma como pretendia educar, criou uma editora, *La Editorial*, para publicar os livros que seriam utilizados em sua escola (GALLO, 2013).

Podemos perceber que de fato todos estes métodos utilizados na Escola Moderna eram inovadores para sua época e ainda mais se pensarmos no propósito de educar as classes mais

baixas também, ou seja, era uma educação que se pretendia inclusiva com os mais pobres. Sobre esse propósito Gallo cita uma passagem de Ferrer,

A verdade é de todos e socialmente deve-se a todo mundo. Colocar-lhe um preço, reservá-la como monopólio dos poderosos, deixar os humildes em uma sistemática ignorância e, o que é ainda pior, dar-lhes uma verdade dogmática e oficial, em contradição com a ciência, para que aceitem sem protesto seu ínfimo e deplorável estado, sob um regime político democrático, é uma indignidade intolerável e, por minha parte, julgo que o mais eficaz protesto e a mais positiva ação revolucionária consiste em dar aos oprimidos, aos deserdados e a todos quantos sintam impulsos justiceiros essa verdade que lhes é roubada, determinante das energias suficientes para a grande obra de regeneração da sociedade (FERRER apud GALLO, 2013).

Sua preocupação com a questão do conhecimento acessível era levada muito a sério, tanto que utilizava a educação conjunta entre os sexos e como dito anteriormente entre as classes sociais também. Isso tudo era um grave problema para a sua época, e dessa forma suas escolas viram um fim muito cedo,

Com esses propósitos, praticando uma coeducação dos sexos (sem distinção entre meninos e meninas), como aprendera com Robin, e uma coeducação das classes (Ferrer não queria uma escola apenas para filhos de trabalhadores, mas um espaço aberto a todo aquele que quisesse educar seus filhos nos princípios da liberdade, da solidariedade e da justiça), a *Escuela Moderna* funcionou entre os anos letivos de 1901-1902 e 1905-1906, tendo sido, em seguida, fechada pelo governo espanhol. Todo seu material foi confiscado e destruído; o mesmo aconteceu com a editora que publicava os seus livros (GALLO, 2013).

O fechamento das Escolas Modernas fundadas por Ferrer foi um ato que indicou o desgaste criado pelo estado Espanhol e a igreja católica por sua iniciativa, isso mostrou também o “perigo” gerado nesses poderes pelos seus métodos envolvendo a educação. Tudo isso culminou também na primeira prisão de Francisco Ferrer pelo governo espanhol,

Qual o motivo dessa curta existência? Em 1906, houve um atentado a bomba, em Madri, contra o rei Afonso XIII, que saiu ileso. O autor do atentado, o anarquista Mateo Morral (1880-1906), conseguiu fugir, mas foi detido dias depois e suicidou-se. No inquérito aberto pelo governo, Ferrer foi indiciado como mentor intelectual do atentado, dadas suas ligações com Morral, que havia trabalhado como bibliotecário na *Escuela Moderna*. Acusado e preso Ferrer, a escola foi fechada e seu material confiscado. Mais de um ano depois, Ferrer foi inocentado, mas já não possuía recursos para reabrir a escola (GALLO, 2013)

Depois de solto voltou novamente a França e em seguida mudou-se para a Bélgica, aonde fundou a Liga Internacional para a Educação Racional da Infância e voltou a publicar textos sobre a Escola Moderna em Paris (GALLO, 2013). Alguns destes textos viriam a ser publicados pela *Lanterna* no ano de 1909, e falaremos sobre eles mais adiante. Segundo Gallo, “Essas publicações foram responsáveis pela proliferação de suas ideias pedagógicas, e várias escolas modernas foram abertas [...] , funcionando segundo os princípios da "educação racional" defendida por Ferrer” (GALLO, 2013).

Após esta “proliferação” das Escolas Modernas, Ferrer volta até a Espanha no ano de 1909 e se depara com um governo com ainda mais vontade de “pegá-lo” por uma série de eventos que ficaram conhecidos como a Semana Trágica de Barcelona,

Em 1909, retornou para a Espanha, tendo visitado familiares na Catalunha. Em agosto, eclodiu uma revolta popular contra a guerra que a Espanha fazia no Marrocos, enviando como soldados pais de família da classe operária. Os operários começaram a recusar-se a ir para a guerra e as manifestações cresceram. O período de 26 de julho a 2 de agosto de 1909 foi o mais violento na região de Barcelona e ficou conhecido como "Semana Trágica". Estabelecimentos foram saqueados, igrejas e conventos foram incendiados. A revolta era contra a burguesia espanhola, a Monarquia, a Igreja. A repressão do governo foi dura, e foi ordenada a prisão de uma série de proeminentes intelectuais e militantes republicanos, dentre eles Francisco Ferrer, indiciados como líderes do movimento. [...] o Auditor concluiu que Ferrer era o "chefe dos anarquistas", seu mentor intelectual, e que todas as revoltas populares ocorridas na Catalunha na época eram resultado de suas ações insidiosas de educação popular para construir a revolução social. E reafirmou a condenação e a sentença. Três dias depois, Ferrer foi fuzilado [...] (GALLO, 2013)

O “perigo” mencionado acima cresceu com as revoltas populares e deu um “motivo” para as autoridades espanholas executarem este indigesto educador que pensou uma escola nova e diferente para a população de seu país. Esta execução ainda teria um capítulo posterior ainda mais trágico, quando o governo espanhol reconheceu a inocência de Ferrer nos atentados promovidos durante a Semana Trágica “apenas” dois anos depois de sua morte, em 1911 (GALLO, 2013). Sobre isso Sílvio finaliza “Morto Ferrer, ele já não era uma ameaça aos poderes constituídos.”(GALLO, 2013).

É curioso que em apenas cinco dias depois de sua morte, *A Lanterna* lançou seu primeiro jornal falando justamente deste tema em sua capa como mencionaremos acima, reforçando a ampla circulação de informações por meio de jornais e a dimensão internacionalista do movimento anarquista. Depois de apresentada um pouco da trajetória de Ferrer, seguiremos agora com a análise das colunas do jornal que utilizaram a figura do educador como temática anticlerical.

2.3. Os Resquícios Medievais na Igreja

Esses ataques também atestam essa circulação já mencionada nos parágrafos anteriores, e neste caso são mais explícitas em relação ao movimento anticlerical, do qual Ferrer fazia parte, pois revelam uma igreja que tentava se manter como força no poder e dessa forma também na educação das pessoas. Esse acontecimento fez voltar à tona os resquícios

“medievais” da instituição católica, o que deixou uma deixa para *A Lanterna*, em sua capa de reestrela:

As fogueiras da Inquisição ameaçam devastar novamente a humanidade ! – O combate é decisivo ! Ou vencem os pioneiros da liberdade ou seremos sufocados pelo jesuitismo infame ! (Giordano Bruno em pleno século XX, *A Lanterna*, 17/10/1909, p. 1)⁶

Os resquícios medievais estão centrados na inquisição católica, além de lembrarem da figura de Giordano Bruno, que foi queimado por escrever um livro não aceito pela igreja no período. Existem duas conexões entre os dois personagens, primeiro a de pensadores e/ou cientistas e segundo, a de assassinatos cometidos pela ou para o “benefício” da igreja.

Os ataques continuaram ao longo de 1909, e não se concentraram apenas à Espanha, houve também um embate contra as notícias difamatórias da “imprensa de sacristia” contra Ferrer aqui no Brasil. Essa imprensa estava ou ligada diretamente à igreja católica, ou indiretamente no caso dos jornais de maior circulação ou da chamada imprensa burguesa. Sobre isso Bilhão descreve um episódio no Rio de Janeiro descrito pelo jornal *A Voz do Trabalhador*,

Ainda segundo o relato, “ alguns jornais foram vaiados, e o *Jornal do Comércio* foi apedrejado, assim como o Consulado [Espanhol]; aqueles, porque inseriram, em suas colunas, insultos à memória de Ferrer” (*A Voz do Trabalhador*, 30/10/1909, p. 1). Observando-se as descrições, pode-se pensar que, para além do desagravo a Ferrer, os organizadores desse ato também iniciaram um processo de disputa por sua memória e de demonstração de força em relação a grupos opositores. O fato de portarem uma bandeira negra indica que eram anarquistas e, embora Ferrer nunca tenha se definido como tal, e sim como livre pensador, essa foi a corrente de militância que no Brasil mais se destacou na difusão de suas concepções pedagógicas. A finalização do cortejo, com o apedrejamento do *Jornal do Comércio*, parece confirmar essa hipótese, uma vez que a explicação para tal atitude foi a de que o periódico ofendeu a memória de Ferrer (BILHÃO, 2016, p. 7).

Em um país como o Brasil, uma República nova e recém separada da igreja, os ataques do jornal fazem muito sentido para a construção de um debate laico de regras e principalmente no que envolve a educação da população. E como base para uma educação laica e sem os vieses religiosos, o educador espanhol, Francisco Ferrer era naquele momento a “autoridade máxima” acerca disto.

2.4. Um Mártir Beatificado

Na esteira destes acontecimentos o jornal começou a publicar uma série de matérias escritas por Ferrer acerca da educação laica no terceiro volume do jornal no ano de 1909. Essas

⁶ As citações do jornal foram atualizadas no português atual para facilitar a leitura das mesmas.

matérias tinham o título de: “A Renovação da Escola”, e foram publicadas em diversas partes, aqui irei reproduzir um trecho desta primeira parte publicada no terceiro volume, onde Ferrer descreve a preocupação dos governos com a educação do povo:

[...]Em face disto, os governos quiseram a instrução, quiseram uma organização cada vez mais completa da escola, não porque esperam pela educação renovar a sociedade, mas sim porque precisam de indivíduos, de operários, de instrumentos humanos de trabalho mais aperfeiçoados para fazerem frutificar as empresas industriais e os capitais nelas empenhados. E viram-se os mais reacionários governos seguir este movimento; [...](*A Lanterna*, 30/10/1909, p. 2)

Não é difícil perceber porque os escritos dele foram mau recebidos pelos governos e também pela igreja, sem contar no fato de Ferrer ser um militante do movimento anticlerical antes de tudo. Todo esse discurso era recebido pelo jornal, ao contrário dos outros espaços citados acima, como algo extremamente pertinente e impossível de ser deixado de lado.

Dessa forma as publicações seguiram de semana a semana, sem interrupções aparentes e serviram como mais um mote de apoio ao ataque constante contra as instituições religiosas e seus sacerdotes. Por tudo isso, não é errado afirmar que durante o ano de 1909, as matérias d’*A Lanterna* giraram muito em torno de Francisco Ferrer, lembrando também a grande comoção mundial (principalmente no meio anarquista e anticlerical) sobre sua brutal morte.

Apesar da tentativa do governo espanhol de frear as experiências racionalistas de Ferrer, através de seu “corretivo” fuzilamento, a mesma se traduziu em ilusória e causou uma onda gigantesca de inimizades e antipatias ao governo espanhol, personificado no general Maura e no “fraco” rei Afonso XIII. Assim, a reação tanto local, quanto internacional foi logo sentida: as Escolas Modernas se difundiram pelo mundo, vários jornais e revistas foram fundados em homenagem ao educador, greves e boicotes foram proclamados a nível local e internacional. (POLETTI, 2017, p. 253)

Para um lado bom, esse baque sofrido pela morte deste importante ativista, fez florescer diversos projetos das chamadas Escolas Modernas. Esse florescimento chegou também ao Brasil, e foi na cidade de São Paulo que foram criadas as primeiras escolas com esse viés em nosso país. Também sendo notícia nas páginas d’*A Lanterna*:

Em numerosa reunião de livres pensadores, realizada no dia 17 do corrente, nesta capital. Ficou resolvido a fundação de uma Escola Moderna que seguirá os programas da escola fundada em Barcelona pelo grande pensador Francisco Ferrer.

Ficou constituído um comité para tratar de organizar conferências e festas em benefício da escola, e desde já contam os seus fundadores com valiosos auxílios, entre eles o de um terreno que foi doado afim de se fazer dele um sorteio em benefício da escola.

Amanhã, em local que será anunciado, realizar-se-á uma nova reunião, e nela, oradores que falarão em diversas línguas, exporão os fins da Escola Moderna e o programa de ensino que será adoptado.

O comitê organizador já fez comunicações a todos os livres pensadores do Estado de S. Paulo e tem recebido várias e importantes adesões desta capital e do interior. (A Lanterna, 20/11/1909, p. 3)

Neste editorial percebemos o que foi citado anteriormente por Poletto, em um esforço dos anticlericais (entre outros grupos aqui citados como “livre pensadores”) foi formado este comitê para tocar um projeto iniciado na Espanha por Ferrer. Esta escola era para a época em nosso país, algo muito único por diversos motivos: primeiro, uma escola racionalista; segundo, uma iniciativa popular e sem nenhum tipo de custeio ou ajuda qualquer; e por último, uma ramificação de um projeto educacional que se espalhava rapidamente por diversas partes do mundo. Sobre isso Bilhão afirma,

No Brasil, poucas décadas após o final da monarquia e da escravidão, educadores e divulgadores do ensino racionalista como, Polydoro dos Santos, em Porto Alegre; João Penteadó, em São Paulo e José Oiticica, no Rio de Janeiro, ocuparam grande quantidade de páginas da imprensa militante para defender essa proposta pedagógica, colocando-se frontalmente contra o pensamento católico e em defesa de uma nova forma de ensino que rompesse com sua visão de mundo [...] entre os princípios da educação racionalista, defendida pelos veículos aqui analisados, estavam o ensino das ciências naturais e a defesa do aprendizado ativo, especialmente na observação da natureza e nas relações sociais. Essa opção foi amplamente divulgada a partir das atividades da *Escuela Moderna*, fundada pelo pedagogo catalão Francisco Ferrer y Guardia, que funcionou em Barcelona entre 1901 e 1906. Embora Ferrer nunca tenha se definido como anarquista, suas concepções acabaram por se tornar um dos mais importantes modelos para a pedagogia libertária (BILHÃO, 2016, p. 2).

Na mesma edição do dia 20 de Novembro, em sua capa, *A Lanterna* traz um texto com um tom muito eufórico a respeito deste movimento internacional de solidariedade à morte de Ferrer:

[...] Pelo modo como em todos os centros cultos foi verberado esse atentado à liberdade de pensamento, vê-se que os processos violentos, como o que usou o governo espanhol, longe de sustarem a marcha dos ideais porque se batem os homens que desejam um melhor estado de coisas, longe de interceptarem esta marcha triunfante, esses meios servem somente para seu incremento. A queda de um combatente que se bate pela liberdade de pensamento, pelo advento de uma era melhor, pelo estabelecimento de um regime de acordo com os sãos princípios da equidade e da razão, embora esse batalhador seja um dos que, como Ferrer, caminhavam na vanguarda, não faz estacionar a avalanche, muito ao contrário, essa queda na luta redentora, - Como no caso Ferrer, - serve de incentivo a que muitos venham avolumar a legião propagadora. [...] (A Lanterna, 20/11/1909, p. 1)

Como comentado anteriormente, Ferrer se tornou um grande mártir do movimento anticlerical a partir de sua morte, esse editorial só confirma esta ideia ao apontar os rumos defendidos pelo mesmo e a abertura de uma “marcha triunfante” a favor da liberdade de pensamento e da educação racionalista. É nessa marcha que entram todas as fundações de Escolas Modernas, de ligas anticlericais e tantos outros movimentos que nutriam algum tipo de aproximação com os ideais de Ferrer.

Ainda sobre esta solidariedade com a causa nos meios da imprensa operária, Bilhão aponta,

A manutenção dessa rede de correspondências permitia a veículos de distintas correntes ideológicas participarem de grupos de solidariedade e de trocas de conhecimento em diversas partes do mundo, ensejando um reconhecimento recíproco e, ao mesmo tempo, procurando reforçar junto ao seu público leitor uma noção de importância e pertencimento ao internacionalismo operário (BILHÃO, 2016, p. 3).

Como comentado acima, o internacionalismo é uma característica forte d'A *Lanterna* em suas páginas e é conhecido por ser uma parte fundante do movimento anarquista ao redor do mundo. Ainda que não seja totalmente clara a afiliação anarquista do jornal, muitos de seus colaboradores eram (principalmente nesta segunda fase do jornal, com direção de Edgar Leuenroth) (BILHÃO, 2016).

Ainda sobre a quase “santificação” de Francisco Ferrer y Guardia pelo movimento anticlerical, vemos em diversas edições d'A *Lanterna* anúncios de venda de fotografias do mesmo na redação pelo preço de dois réis apenas: “Um amigo pôs à venda em nossa redação, ao preço de 2\$, diversos exemplares de uma boa fotografia do grande mártir.”(A *Lanterna*, 20/11/1909, p. 3).

A partir da 7ª edição do jornal no ano de 1909, vemos uma maior intensificação das matérias em prol da Escola Moderna que haveria de sair na cidade de São Paulo com uma intensa participação dos colaboradores d'A *Lanterna* (principalmente Leuenroth) como afirmado por Batalha (BATALHA, p. 2-3). Esse esforço na construção dos projetos exemplifica um apreço pela memória de Ferrer, como apresenta Bilhão,

Como parte desse esforço, nota-se, igualmente, a contínua defesa da memória e do legado do fundador da Escola Moderna. Tal difusão permitia tanto apresentar as concepções e os métodos de Ferrer como um modelo a ser seguido quanto propagandear a viabilidade e a expansão internacional desse projeto (BILHÃO, 2016, p. 6)

Nesta mesma edição, em sua capa, um grande editorial trazia os objetivos e moldes da formação da escola, além da divulgação de eventos em benefício da mesma, como a formação de um comitê na cidade de Campinas com o objetivo de criar naquela cidade uma Escola Moderna nos mesmos moldes pensados por Ferrer e que vinha sofrendo ataques da igreja católica por meio do jornal A Cidade de Campinas:

A *Cidade de Campinas*, o tal órgão dos masmarros do bispado da vizinha cidade, cujos ossos o bispo manda lhe dar para que a infeliz araste sua mísera existência, expondo suas chagas e mazelas, noticiando os preparativos para a fundação de uma Escola Moderna, assim conclui:

Nós esperamos que em nossa abençoada terra, não logrará crescer esta planta mal lita, que está florescendo na Espanha e noutros lugares.

É o pavor dos corvos a se manifestar nessas linhas, porquanto o padre tem mais medo de uma escola neutra que o rato do gato.

Infelizmente para eles a tal planta maldita tem de florescer, pois hoje só progride o que é maldito; o que é abençoado, já se sabe, vai pela agua abaixo num instante[...] (A Lanterna, 27/11/1909, p. 1)

Os ataques sofridos pelos grupos dispostos a empreender este projeto demonstra preocupação da igreja em perder seu espaço na educação das crianças em nosso país, é curioso também perceber o sarcasmo empregado pelos editores d'A *Lanterna* no parágrafo final da citação, onde falam do “benéfico” de ter um projeto considerado “maldito” pelo jornal local em preferência de algo “abençoado”.

Falando sobre os poemas presentes na imprensa anarquista e anticlerical, Poletto discorre um pouco sobre os usos do sarcasmo e de “outras técnicas” nestes ambientes, apesar de não se tratar de um poema, o editorial citado acima se encaixa no perfil descrito pela autora:

Os poemas veiculados nessa imprensa de protesto geralmente se utilizam de comparações, analogias, ironia, sarcasmo, dramaticidade exagerada, dicotomias e maniqueísmos, contraposições de ideias, principalmente da contraposição entre luz e sombra (marcas essenciais de toda a literatura libertária) [...]. (POLETTO, 2017, p. 178-179)

A própria contraposição apresentada pela autora pode ser percebida no antagonismo entre o “maldito” e o “abençoado”, não é na mesma esteira de luz e trevas, até porque a escolha dos anticlericais neste caso é o maldito. Escolha essa que, como mencionado acima faz parte das “técnicas” empregadas nos periódicos de combate para atacar seus opositores.

As matérias em torno da Escola Moderna ainda saíram nos últimos exemplares do ano de 1909, como comentado acima, sua propagação foi um verdadeiro objetivo d'A *Lanterna* neste período. Seja pela memória de Ferrer, seja pela luta contra a educação com viés religioso, ou, pelas duas coisas que não se excluem, que a meu ver é a opção mais fiel ao jornal. Na oitava edição do ano em questão, temos uma matéria na capa, clamando o apoio dos livre pensadores e anticlericais para este projeto,

Livres-pensadores, anticlericais, homens emancipados de todos os dogmas, quereis verdadeiramente que tenha realização em S. Paulo o projeto belíssimo de opor ao ensino dogmático e embrutecedor, a educação racional, o ensino natural, livre e intuitivo das tenras inteligências, das almas que desabrocham, dos corpos em botão? [...] Essa foi a obra a qual Ferrer dedicou sua vida e na qual devemos tomar o empenho de honra de prosseguir, demonstrando mais uma vez que não é estéril o sacrifício de uma nobre vida por uma ideia nobre e que não foi vão e passageiro o alto clamor de protesto do mundo civilizado [...] Mãos à obra ! Levantemos sobre o nosso esforço um monumento que será imperecível, não por uma imutabilidade de dogma, mas pela

vibração produzida de alma em alma, através das gerações, gerando e renovando-se !
(A Lanterna, 04/12/1909, p. 1).

Analisando esta fala fica claro o que mencionamos acima, o projeto da Escola Moderna, ao mesmo tempo que se buscava um projeto de luta anticlerical contra o ensino quase que majoritariamente católico, também se tornava neste contexto um ato de engrandecimento da trajetória e das lutas de Ferrer durante sua vida. Sendo assim, mais do que uma escola nos moldes das Escolas Modernas na Espanha, esse projeto era também um monumento em memória da vida de Francisco Ferrer.

Apesar deste discurso não atingir toda a classe operária e bem como todos os leitores do jornal em si, essa preocupação em construir uma memória positiva de Ferrer entra em um dos recursos utilizados pela imprensa operária, como explica Alvarenga,

Trata-se de entender a imprensa como parte constitutiva do social, que detém uma memória coletiva, historicidade e peculiaridades próprias, e requer ser trabalhada e compreendida como tal, desvendando a cada momento, as relações imprensa/sociedade e os movimentos de constituição e instituição do social que esta relação propõe. Assim, constrói referenciais públicos de um passado que também é público, fazendo com que mesmo processos individuais assumam proporções maiores através do recurso de divulgação naqueles jornais (ALVARENGA, 20015, p. 9).

É possível fazer o paralelo com a execução de Ferrer, que apesar de ser um ícone do anticlericalismo, sua “fama” em nosso país foi construída através da imprensa operária. Sua morte foi um marco tão grande para o movimento, que a construção de sua imagem nessa imprensa atingiu um grande número de trabalhadores que provavelmente nunca antes tinham ouvido falar deste personagem. Também devemos considerar que a criação da Escola Moderna, como descrita ao longo de nosso trabalho, vai ao encontro desta construção do personagem Ferrer, mas ao contrário das notícias e textos sobre o mesmo, ela é uma obra viva, física e “palpável” para toda a classe trabalhadora da capital paulista (e, conseqüentemente, dos trabalhadores das outras cidades aonde viria a ser instalada uma destas escolas).

O mais interessante é que nas colunas citadas aqui do jornal, ele não “esconde” essa construção em torno da memória de Ferrer, ela é em cada editorial e texto lembrada e ressaltada como um dever dos ditos anticlericais e livre pensadores do período. Dessa forma, quando os jornais mais tradicionais, ou chamados de imprensa burguesa, atacavam a memória do mesmo, era necessária uma contraposição d’A *Lanterna* sobre o assunto.

Ainda não estava de todo fechada a cova para onde, num gesto de supremo desdém e com um hediondo sorriso de sanguinária satisfação, os celerados que exploram e oprimem o tão generoso quão infeliz povo espanhol haviam atirado o corpo ensanguentado do grande apóstolo do Bem que se chamou Francisco Ferrer; [...] e já os elementos reacionários se lançavam, como feras de insaciável apetite, sobre a gigantesca personalidade moral do abnegado mártir da Liberdade, no louco intento de

abater a obra grandiosa e admirável que o mesmo deixou à Humanidade, [...] Não satisfeitos ainda, esses monstros de aparência humana, mas com entranhas de tigre, [...] com tramas maquiavelicamente urdidas, assassinado covardemente o homem que era a encarnação mais perfeita da Bondade e da Justiça, atiravam-se, como abutres, ao cadáver ainda quente da sua vítima. [...] atrevem-se, com a obstinação da loucura e com a ousadia da brutalidade, a ameaçar-nos, como ainda há poucos dias fizeram, aqui mesmo, em nossa capital, pelas colunas pagas do “Estado de S. Paulo”, com uma guerra cruel e sem tréguas, na esperança insensata de triunfar e poder reacender as fogueiras... purificadoras da Santa Inquisição! (A Lanterna, 11/12/1909, p. 1).

O texto acima foi assinado como Theomar, de quem não temos informações suficientes para identificar como pseudônimo de alguma pessoa do jornal, ou se de fato o nome da pessoa é theomar mesmo, porém ele ilustra muito bem essa defesa que *A Lanterna* assumiu em torno da memória de Francisco Ferrer. É interessante perceber os adjetivos utilizados para falar de Ferrer e da mesma forma, os adjetivos usados para os chamados reacionários, aqui identificados com o jornal Estado de São Paulo, enquanto Ferrer é a “[...]encarnação da Bondade e da Justiça[...]”, os reacionários são descritos como “feras”; “abutres”; “monstros de aparência humana”; etc.

Essa passagem também nos traz novamente a discussão de Poletto, sobre esse dualismo utilizados pelos anticlericais em seus escritos, evocando muito bem essa contraposição entre a “luz”, que aqui tomou a figura de Ferrer, e as “sombras”, aqui incorporadas no jornal Estado de São Paulo. Outra frase que nos chama a atenção no texto acima é a de “apóstolo do Bem” para falar de Ferrer, é algo um tanto curioso que um jornal anticlerical se utilize deste termo tão impregnado nas escrituras católicas, pode ser pelo fato de os apóstolos de Cristo serem os “do mal” e ele, que defendia o anticlericalismo, o do “bem”, porém não deixa de ser interessante a tentativa de passar esta imagem tão boa desse mártir, a ponto de se utilizarem dos termos difundidos pelo sua instituição mais atacada, o catolicismo romano.

Em outra publicação d’*A Lanterna* vemos mais uma defesa da moral de Francisco Ferrer ser empregada, desta vez o jornal Correio Paulistano publicou questionamentos sobre o cuidado que Ferrer tinha com suas filhas, no editorial O que diz a imprensa foi publicado um trecho desta publicação, além da resposta,

Ferrer e os Filhos: Sob esta epígrafe publicou o Correio Paulistano de domingo o sueto seguinte:

Está provadíssimo, diz uma folha carioca, que Ferrer era inocente. Provadíssimo parece que Ferrer tinha um grande amor pela humanidade. Ficará provado que Ferrer amava os filhos? Se os amava era de uma singular maneira...

Ferrer, que sabia gerir os próprios interesses, deixou uma grande fortuna. Mas os filhos e os netos dele não terão um real. Tudo quanto possuía irá metade para um anarquista de Londres, metade para Soledad Villafranca, a mulher que com ele vivia. Assim o ordena o seu testamento. [...]

Agora que já tem outra coisa a que se agarrarem, os jesuítas concedem o principal: Ferrer era inocente. Isto é: foi assassinado após uma farça infame de julgamento. [...] Mas não: os jesuítas só abandonam a primeira calúnia em troca de uma segunda, [...] De Londres não há no testamento senão William Heaford, que é testamenteiro e não herdeiro. Quanto a Soledad Villafranca, que é mãe da pequenina Alba Ferrer, e não foi só “a mulher que com ele vivia”, ó jesuítas, ó porcos, mas a inteligente professora, a sua dedicada e valiosa cooperadora, e que continuará a obra, [...] (A Lanterna, 18/12/1909, p. 2).

Não cabe aqui entrar nos méritos de Ferrer quanto a sua responsabilidade com os filhos e a família, o interessante sim, é essa contínua defesa de sua memória e de sua moral como pessoa. Até pelo fato da imprensa tradicional sempre buscar atacar estes personagens a partir de questões muito subjetivas ligadas a moral e ao caráter do mesmo, isso fica evidente ao longo do trabalho com os diversos ataques mostrados e defendidos no periódico analisado.

Um educador que buscou romper com alguns valores “tradicionais” incomodou algumas pessoas poderosas e seus porta-vozes (os jornais da imprensa burguesa) saíram ao ataque de Ferrer, seja por questionar sua moral como pai de família, seja por atacar outras questões que envolviam sua figura. Mas nenhum destes ataques foi direcionado a sua obra, o que se pretendia era “manchar” a mesma fazendo estas acusações contra o seu caráter.

Mas, se de um lado vinham estes ataques com pouco sentido, do outro lado estava o jornal para defende-lo de todas as acusações proferidas contra a figura de Ferrer. Essa defesa se fazia necessária para contrapor o discurso “oficial” que buscou justificar o assassinato do mártir com as mais variadas formas de acusação contra o criador do projeto da Escola Moderna, algo que gostemos ou não, ainda é comum em nosso tempo.

Lendo os textos escritos d’A *Lanterna* ficamos realmente chocados nessa imagem que é passada ao público leitor de Ferrer, sua construção nos textos, respostas, colunas, etc, é uma verdadeira beatificação de alguém recém falecido e que agora, de fato, entrava para a história. Principalmente dentro do movimento anticlerical, aqui incorporado pelo jornal, não se tem dúvidas do suposto caráter desta educador Espanhol.

3. Considerações Finais

Durante a realização deste texto tentamos fazer um panorama da imprensa operária brasileira da Primeira República, exemplificada em nosso trabalho pelo jornal *A Lanterna* da cidade de São Paulo. Procuramos evidenciar o movimento operário deste período também, para melhor situar a nossa pesquisa neste contexto, além de discutirmos sobre o anticlericalismo, tema central na construção do jornal.

Como podemos perceber, a imprensa operária foi um veículo muito importante no contexto estudado, principalmente para a classe trabalhadora urbana. Essa importância se dá explicitamente na voz que deu a todos os movimentos de trabalhadores do período, independente de suas ideologias e reivindicações. Essa voz que normalmente se via silenciada em outros espaços da mídia tradicional, encontrou um lugar de propagação de ideias, teorias, lutas, etc.

Por tudo isso, o próprio movimento operário urbano se tornou mais forte no período das décadas de 10 e 20 do século passado, além de suas lutas terem trazido benefícios a estas classes que se ocupavam do trabalho principalmente industrial. Vivemos hoje, um período onde estas conquistas tão longínquas estão de certa forma ameaçadas, não todas elas, é claro, porém o nosso período histórico nos faz revisitarmos estas lutas e movimentos que tanto sofreram para conseguir ganhos que até há alguns dias pareciam básicos.

É também nesta esteira que o movimento anticlerical surgiu, buscando uma dissociação do estado e da igreja, uma retirada dos poderes religiosos sobre as esferas públicas da nossa sociedade. Este movimento tinha no jornal *A Lanterna*, um veículo importante de divulgação das suas ideias e também de enfrentamentos com os mais diversos atores clericais de nosso país e do mundo.

Uma de suas lutas, se apropriou de um personagem muito importante para o movimento num âmbito mundial, Francisco Ferrer, o educador Espanhol e fundador da Escola Moderna, foi um grande representante destas lutas e acabou vítima delas. Sua morte serviu de muita tristeza nesse meio, mas também ofereceu um impulso e uma motivação muito grande para sua continuidade e aumento nos mais diferentes lugares e condições.

Aqui em nosso país tivemos um grande apelo acerca de sua memória, seja de uma forma negativa (normalmente nos jornais e veículos da chamada imprensa burguesa), ou positiva como vimos nas páginas d'*A Lanterna*. Essa memória se buscou para, principalmente, continuar

a sua obra e expandi-la no território brasileiro, o que de certa forma foi alcançado por meio das criações de Escolas Modernas no Brasil.

Outro tema que hoje nos é caro, a educação, é também de certa forma triste perceber que as lutas iniciadas há mais de um século em torno de uma educação mais inclusiva e sem interferências de esferas religiosas pareça estar indo água a baixo. Se existisse vida após a morte, Ferrer estaria muito preocupado com os rumos que estamos tomando aqui no Brasil, e não só ele, mas como todos os colaboradores de seu projeto e também diversas outras pessoas que fizeram uma luta contra esse problema.

Luta essa, que para o período estudado era algo muito difícil e complicado, levando em conta todo o contexto da época e a forte influência religiosa (principalmente católica) na educação brasileira. Com tudo isso acredito que o interesse nesta temática tem muita relação com o período vivenciado pelo autor, e com o perigo que vivemos de um enorme retrocesso na educação e claro, em outras questões muito relevantes para a nossa vida.

Na época estudada precisou-se de um mártir para começarem a ampliar o melhoramento da vida cotidiana, principalmente dos mais pobres e conseqüentemente excluídos de todo o processo educacional. Esse mártir foi amplamente utilizado nas páginas d'*A Lanterna* como um modelo a ser seguido por todos, e também como uma referência na criação de um modelo totalmente novo de educação.

A escolha do título do trabalho vai um pouco de encontro com essa utilização de Ferrer, um santo para os anticlericais d'*A Lanterna*, que de certa forma conseguiram resultados da utilização do mesmo em suas páginas, querendo ou não, a Escola Moderna acabou saindo na cidade de São Paulo (Além de ocorrer em outras localidades de nosso país).

Acredito ter sido uma pesquisa bem pertinente, mesmo já tendo um interesse muito grande pelo anticlericalismo e também pela fonte utilizada, *A Lanterna*, acredito não ser um material esgotado para a pesquisa histórica. Além de haverem outros tantos temas que podem ser pesquisados a partir do jornal, tais como o próprio movimento operário, o anticlericalismo a partir de outras colunas e temas aquém de Ferrer, etc. Um ótimo exemplo é a tese de Caroline Poletto, que se utilizou das charges e contos presentes no jornal para trabalhar com o anticlericalismo.

As diversas análises já feitas da fonte me colocaram neste trabalho com poucas pretensões acerca de uma grande e exaustiva pesquisa sobre o anticlericalismo, por todos os

fatores já comentados neste trabalho monográfico. Dessa forma, acredito ter feito um bom uso da fonte para um tema bem específico e num recorte curto de apenas um ano, e de onze exemplares do jornal analisado.

O intuito de analisar o anticlericalismo ao longo da pesquisa nos deixou algumas questões pertinentes para próximas pesquisas com o assunto, tendo em vista que a fonte é um ótimo material para a pesquisa do mesmo e abriu outras possibilidades de análise do objeto em si. Dessa forma busquei fazer um apanhado de questões acerca de Francisco Ferrer n'A *Lanterna* de uma forma mais geral.

Porém, um tema que entrou em nossa pesquisa a partir do anticlericalismo foram as Escolas Modernas idealizadas pelo educador Catalão, e assim não foi feita uma análise centrada apenas neste assunto. Essa análise poderá render novas informações e debates acerca da educação racionalista e do próprio anticlericalismo como propagador deste método de ensino. Algo que renderá bons trabalhos quando pesquisado intensivamente e com o foco principal nesta questão, algo que nosso trabalho não deu conta.

Com isso pretendo evidenciar que a fonte é um ótimo objeto de análise não só para o anticlericalismo de forma geral, mas também para questões mais específicas que tratem do assunto aqui comentado. Principalmente a Escola Moderna, que foi utilizada em nosso trabalho e não se tornou o foco principal da análise em si, sendo evidenciada como possível extensão para trabalhos futuros por todos os motivos aqui comentados.

Referências:

Fonte:

Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

A LANTERNA. São Paulo, 1909 - N° 1-11, Disponível em: <
<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=366153&pasta=ano%20190&pesq=> >

Bibliografia:

- ALVARENGA, Lucas Thiago Rodarte. NOTAS SOBRE HISTÓRIA SOCIAL E IMPRENSA OPERÁRIA: O USO DO JORNAL ENQUANTO FONTE DE PESQUISA. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 28., 2015, Florianópolis. S. I. Florianópolis: S. I, 2015. p. 1 - 15.
- BATALHA, Cláudio. Edgar Leuenroth. In: ABREU, Alzira Alves de (Coord.). **Dicionário histórico-biográfico da Primeira República: 1889-1930**. Rio de Janeiro: CPDOC-FGV, 2015. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/LEUENROTH,%20Edgard.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2018.
- BATALHA, Cláudio. **O movimento operário na Primeira República**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- BERNARDON, Tiago. **Anarquismo, sindicatos e revolução no Brasil (1906-1936)**. 2009. 267 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Uff, Niterói, 2009.
- BILHÃO, Isabel. Imprensa e Educação Operária: análise da difusão do ensino racionalista em jornais anarquistas brasileiros (1900-1920). **Educação Unisinos**, São Leopoldo, v. 2, n. 20, p.176-184, ago. 2016.
- FAUSTO, Boris. **Trabalho Urbano e Conflito Social**. São Paulo: DIFEL, 1986.
- LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi et al. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-154.
- GALLO, Sílvio. Francisco Ferrer Guardia: o mártir da Escola Moderna. **Pro-posições**, Campinas, v. 24, n. 2, p.241-251, ago. 2013. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-73072013000200015>.

- MAGNANI, Silvia Lang. **O Movimento Anarquista Em Sp.** São Paulo: Brasiliense, 1982.
- POLETTO, Caroline. **A imaginação subversiva ao redor do mundo: Imagens, Poesias e Contos de Protesto na Imprensa Anarquista e Anticlerical (Espanha, Argentina e Brasil, 1897-1936).** 2017. 471 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Unisinos, São Leopoldo, 2017.
- TOLEDO, Edilene. Anarquismo. In: ABREU, Alzira Alves de (Coord.). **Dicionário histórico-biográfico da Primeira República: 1889-1930.** Rio de Janeiro: CPDOC-FGV, 2015. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/ANARQUISMO.pdf>>. Acesso em: 07 jun. 2018.